

NOTA DO EDITOR

Gilberto Freyre não foi o primeiro nem será o último cientista a escrever obras de ficção. Matéria ficcional existe até nos laboratórios de ciências naturais, como provam os romances do físico inglês C. P. Snow, o mesmo que em ensaio famoso — *The two cultures* — apontou os perigos da separação absoluta entre cientistas e humanistas. Assim como nos romances de Snow existem vestígios de sua passagem pela Universidade de Cambridge e pelo Governo inglês durante a Segunda Guerra Mundial, nas “seminovelas” de Gilberto Freyre se encontra, reelaborado ficcionalmente, o passado brasileiro por ele fixado, com sua ciência de antropólogo e historiador social e sua arte literária, em *Casa-Grande & Senzala*, *Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso*.

É justamente por isso e não por modéstia que ele as define como “seminovelas”: porque nelas a realidade se alonga em ficção e vice-versa. Manuel Bandeira usou o adjetivo *desentranhado* — que etimologicamente significa *arrancado às entranhas* — para qualificar a versificação de um texto em prosa. Das seminovelas de Gilberto Freyre podemos dizer que foram desentranhadas da história da sociedade patriarcal no Brasil.

É deste fascinante assunto que trata o Professor Fernando Alves Cristóvão em texto escrito especialmente para esta revista: expansão e revisão de conferência por ele proferida, em 1983, no Gabinete Português de Leitura do Recife. Recorde-se deste ensaio do professor de cultura brasileira na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa e atualmente presidente do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, que é anterior à consagração de seu autor com o Prêmio Casa-Grande & Senzala de 1983, somente conferido no ano seguinte.

Os demais artigos deste número são todos de pesquisadores da Fundação Joaquim Nabuco. Abordando as relações de trabalho na Zona da Mata Sul de Pernambuco, Ana Elizabeth Perruci do Amaral toca em ponto importante do programa da Fundação: o estudo de "problemas sociais relacionados, direta ou indiretamente, com a melhoria das condições de vida do trabalhador brasileiro, especialmente do trabalhador rural". Joaquim de Arruda Falcão — assíduo colaborador de *Ciência & Trópico* — comparece a este número com sugestiva comunicação por ele apresentada nas Jornadas Luso-Brasileiras do Patrimônio, realizadas em Lisboa no primeiro semestre de 1984. O jovem e brilhante politólogo defende a participação comunitária na política de preservação do patrimônio histórico e artístico nacional, demonstrando como viabilizá-la. Sebastião Vila Nova privilegia os leitores com um capítulo de seu próximo livro, que tem um título aliciantemente interrogativo: *Ciência Social: Humanismo ou Técnica?* Como Vila Nova é um sociólogo humanista, já sabemos a resposta que ele preconiza. Baseando-se tanto em publicações primárias como em depoimentos gravados pelo programa de História Oral da Fundação Joaquim Nabuco, Maria Luiza Sanguinett reconstitui episódios e personagens esquecidos da história da música no Brasil, em geral, e particularmente em Pernambuco. A influência da ideologia fascista sobre o integralismo brasileiro é o tema de Jorge Zaverucha em seu primeiro artigo para esta revista.

Tanto Zaverucha como Sanguinett são pesquisadores jovens, que se juntam aos veteranos para inserir *Ciência & Trópico* na linha transgeracional do Seminário de Tropicologia. Recorde-se que este, na versão primitiva com que foi criado em Colúmbia pelo Professor Frank Tannenbaum, era somente interdisciplinar; e como que nasceu de novo no Recife, reunindo representantes de diferentes especializações, gerações, profissões e ideologias.

O Professor Januário Francisco Megale, da Universidade de São Paulo, enriquece a parte bibliográfica deste número com o resultado tabular de um levantamento das revistas brasileiras de ciências sociais e a biblioteca da Fundação Joaquim Nabuco indica aos interessados livros e artigos de periódicos sobre inflação, que lá podem ser consultados ou obtidos sob a forma de microfilme ou fotocópia.

Edson Nery da Fonseca